

Vinha de longe o zelo dos membros da Irmandade do S. S. Sacramento da Sé Primacial do Brasil pela respectiva Capela, alvo de ofertas valiosas e de constantes cuidados.

Tivemos já a oportunidade de informar que, em 1696, chegaram à Bahia 2 esplêndidas tocheiras de prata, procedentes de Portugal, onde as executou o mestre ourives Manoel Alvares, por incumbência do então Procurador da Irmandade Manoel Alvares Pereira.

Infelizmente, a mania das reformas prejudicou o zelo dos que dotaram a Capela do S. S. Sacramento de ricas alfaias que, se conservadas intactas, seriam, hoje, exemplares raros das peças de ourivesaria mais antiga, no Brasil.

A reforma infeliz do tesouro da Sé Primacial começou em 1780, quando a Mesa, a que presidia como Juiz o Padre Januário José de Sousa Pereira, resolveu mandar "fazer de novo seis castiçais de prata p.^a abanqueta", confiando logo a grande obra ao ourives português Domingos de Sousa Marques, com sua marca registrada no Senado da Câmara desde 1755, e aqui falecido em 18 de Março de 1783. Os novos castiçais seriam executados pelo molde dos que o citado ourives estava concluindo para a Irmandade de N. Senhora da Conceição da Praia.

Em 4 de Setembro de 1780, Domingos de Sousa Marques recebeu 6 castiçais antigos que, inteiramente reformados foram entregues à Mesa em 19 de Junho de 1781, com o peso total de 156 marcos, 5 onças e 15 oitavas de prata.

Para o altar chamado de Santo Cristo, construído pela Irmandade do S. S. Sacramento no longínquo ano de 1646, o ourives do ouro Simão dos Santos Estrelado recebeu a incumbência de fazer 6 castiçais novos, de prata,

O TESOURO FABULOSO DA SÉ PRIMACIAL DO BRASIL

Marieta Alves

(Especial para "A TARDE")

por se acharem os antigos "velhos edestroncados".

Esse ourives, natural de Salvaterra, dos Magos, Capitão das Ordenanças na cidade do Salvador, com marca registrada no Senado da Câmara, em 1754, admitido no quadro social da Santa Casa, em 1771, era filho legítimo de José dos Santos e de Luísa Maria. Casou-se na Bahia com Isabel Maria da Trindade e aqui faleceu em 26 de Julho de 1791.

A entrega dos novos castiçais, com o peso de 171 marcos e 6 oitavas de prata, realizou-se em 28 de Maio de 1785.

No altar do Santo Cristo colocou-se, em 1693, a imagem de N. Senhora da Soledade, trasladada em solene Procissão da Igreja da Ajuda para a da Sé, "com o intuito somente de ter o Santo Sudário nas mãos em dia de sexta-feira Mayor", informa o Cap. XIII do Compromisso da Irmandade do S. S. Sacramento.

Em sessão realizada em 15 de Junho de 1787, os responsáveis pela guarda e conservação do tesouro da Sé tomaram a resolução de mandar fazer 1 lâmpada nova para a Capela do S. S. Sacramento, escolhendo para esse fim o Capitão ourives João da Costa Campos, a quem foi entregue, imediatamente, a lâmpada velha, que estava quebrada, diz o Termo então lavrado.

Em Agosto de 1788, ao Alferes Pedro Alexandrino Soares, "contraste da prata e Afiridor dos pezos, ebalanças desta Cid.e do Salvador B.^a de todos os Santos esse Termo p.r.S. Mage q. Deos g.e" foi apresentada 1 lâmpada de prata, de feição moderna, pelo Capitão João da Costa Campos para que lhe pesasse e revisse a qualidade da prata. De acordo com a declaração do contraste, a nova alfaia pesou 142 marcos, 4 onças e 4 oitavas.

João da Costa Campos, ourives dos mais operosos na Bahia, faleceu pobre em 6 de Abril de 1806, contando 50 anos de idade, aproximadamente. Era casado com Maria da Lapa e deixou prole numerosa. Seus bens foram vendidos em hasta pública, inclusive a banca de trabalho, ferros e balança. Não escaparam os próprios móveis, nem mesmo o oratório de madeira branca, pintado e dourado, com a imagem de Cristo aparelhada de prata!

Estas informações constam do inventário, que se encontra no Arquivo Público.

Pedro Alexandrino Soares, ourives com tenda aberta e morador na rua direita da Sé para o Colégio, entrou para a Santa Casa em 1765. Era natural da Freguesia de N. Senhora do Socorro, filho legítimo de Manoel Soares de Leão e de Ana Maria de Jesus. Casou-

se com Josefa Maria do Nascimento e faleceu em 28 de Setembro de 1804.

A mania das reformas continuava dominando os espiritos da época.

Em sessão de 13 de Setembro de 1789, sob a presidência do Juiz o Capitão Mor e Secretário ao Estado General José Pires de Carvalho e Albuquerque, propoz o Tesoureiro da Fabrika Pedro Celestino de Alcantara que se fizessem 2 lâmpadas novas com a prata das 2 velhas, ambas para a Capela do S. S. Sacramento. Aceita a proposta, confiou-se a nova obra ao mesmo ourives João de Costa Campos.

No ano seguinte, 1790, a Mesa resolveu que se reformassem as 2 lâmpadas antigas do altar do Santo Cristo pelo molde das anteriores, sendo escolhido, mais uma vez, o Capitão João da Costa Campos para a execução destas alfaias.

O ourives recebeu as 2 lâmpadas velhas e, como não bastasse a prata, foram queimados ornamentos ricos, considerados imprestáveis, inclusive um pálio de tecido da Índia, bordado, com galões e franja de ouro.

A reforma da velha prata prosseguia. Chegou a vez das famosas tocheiras, procedentes de Portugal, que foram sacrificadas com outras alfaias, entre as quais 4 antigas lanternas. Sente-se que o pensamento dominante era o de reformar todo o precioso tesouro patinado pelo tempo!

João da Costa Campos, incumbiu-se da grande obra, consideravelmente aumentada com a resolução de transformar-se o antigo frontal ao gosto moderno. Não escaparam os turbidos e outras pequenas alfaias, também renovadas pelo Capitão ourives, citado.

Quanto ao monumental sacrário da Capela do S. S. Sacramento da Sé, há muito nos ocupamos dele quando escrevemos sobre os 3 grandes sacrários da Bahia.